

A ÉTICA ESPINOSANA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

PRECILIANA BARRETO DE MORAIS

*Socióloga, Mestra e Doutoranda em Sociologia pela UFC
Professora do Centro de Ciências Humanas – UNIFOR
Coordenadora do Núcleo de Monografia do Curso de Direito – UNIFOR*

RESUMO

Este trabalho tem como intuito, apresentar o pensamento de Baruch de Espinosa, no que concerne à discussão sobre ética e ciência na modernidade. A leitura de Ivan Domingues, sobre este filósofo do século XVII, no seu livro O Grau Zero do Conhecimento, nos serviu como referência, para entendermos a produção de um saber deveras instigante e inteligente sobre a realidade e os diversos aspectos que fazem parte dela.

ABSTRACT

This paper aims at presenting the ideas of Baruch of Espinosa, in which concerns the discussion about ethics and science in the modernity. Ivan Domingues's reading on this philosopher of the century XVII, in this book The Zero Degree of Knowledge served as reference for us to be able to understand the production of a knowledge quite complex and intelligent about reality and the several aspects that are part of it.

O desenvolvimento social, com o advento da modernidade, tornou o homem capaz de transpor vários obstáculos na intenção de suprir suas necessidades. Entretanto, como consequência deste avanço, a vida do indivíduo moderno passou a ser crescentemente administrada e burocratizada.

Segundo Max Weber, na interpretação de Freitag "o ator contemporâneo consciente percebe-se prisioneiro de estruturas sociais consolidadas, determinadas por regularidades nomotéticas com força de lei. O *Kulturmensch* weberiano é um escravo em sua armação de ferro, obrigado a subjugar sua vontade e liberdade aos ditames do socialmente institucionalizado" (FREITAG, 1992:106).

No entanto, mesmo com todo o controle instituído, vivemos em uma época onde os referenciais impostos ou traçados pela sociedade se fragilizaram diante da realidade cotidiana, com a avalanche de informações e a diversidade de valores recebidos por nós.

Podemos inclusive dizer, que hoje vivemos uma crise de valores, que nos remete a formular questões que fazem parte da própria inquietação secular do homem, como por exemplo: o que é o bem? o certo? o errado? como devemos proceder diante da fome que assola a África em pleno final de século XX? como devemos reagir em um mundo onde de um lado as agências, empresas

e instituições inventam recursos para preencher o vazio nos indivíduos (como carnavais fora de época, programas com nenhum conteúdo, através da mídia etc) e de outro tantas milhares de pessoas morrem de inanição? o que podemos fazer ou dizer diante deste espetáculo aterrador e sem sentido? O que é ser um homem bom? É se indignar com tais situações? e como devemos proceder diante delas?

Paul Lazarsfeld, discutindo o papel dos meios de comunicação em nossa epocalidade, considera-os como um dos narcóticos sociais mais eficientes. Segundo ele "a constante exposição a esta corrente informativa pode servir para narcotizar, em vez de vitalizar, o leitor ou o ouvinte médio. À medida que uma quantidade crescente de tempo é dedicada à leitura ou à audição, resta uma quantidade cada vez menor para a *ação organizada*" - grifo nosso - (CARVALHO, 1978:33).

Consideramos que estes são questionamentos e afirmações que nos permitem refletir e procurar respostas na ciência e na filosofia, já que tais conhecimentos, aguçam nossa sensibilidade e capacidade de pensar na possibilidade de minimizar a dor e o desamparo em que se encontra o homem moderno diante de um mundo fragmentado e desencantado, pois é através do conhecer, do refletir, do debater, enfim do pensar e do sentir que o homem se constrói como um ser

civilizado, consciente e consequentemente cidadão.

Essa discussão ética nos remete ao âmago do pensamento de Espinosa, filósofo do século XVII, que na concepção de Alcântara Nogueira,

continua a ser, no final deste século, como foi na época em que viveu e após a sua morte, um dos exemplos característicos de filósofo cujas idéias foram ou são substância para discussão ou debate. Seu pensamento enlaça aspectos que atraem o espírito do seu significado objetivo, porque dizem respeito a temas que ontem, hoje e amanhã fazem parte da existência da estrutura humana na sua vigência diária (NOGUEIRA, 1989:71).

Esse pensador moderno, dono de uma personalidade inquieta e questionadora e de uma aguçada inteligência, além de representar um século onde a razão abria caminhos para iluminar a compreensão dos homens sobre a vida, trouxe à luz do dia uma nova visão sobre a religião, o conhecimento, o homem e a sociedade.

A discussão sobre ética no pensamento espinosano que faremos neste ensaio tem como referencial as análises feitas por Ivan Domingues (1991) onde, segundo ele, Espinosa compreende a ética como a ciência do éthos (lugar do agir e morada do homem) e a ciência do homem.

Negando a imposição religiosa cristã que orienta o homem a desprezar a alegria em prol de uma vida frugal, austera e subserviente, Espinosa elege o bem, o gozo e o contentamento como norteadores da vida do homem e do filósofo. Tais aspectos se concretizam a partir de uma compreensão intelectualizada de Deus que tem no uso da razão o instrumento capaz de fortalecer e dar sentido ao conhecimento.

Segundo esse filósofo, viver plenamente é conceber a realidade de forma racional. Sua filosofia busca construir um conhecimento sobre Deus, representado pela natureza e a relação do homem com esta. Deus enquanto natureza produz e conserva todas as coisas, por meio de leis acessíveis à inteligência humana.

Espinosa critica a forma superticiosa de conceber a realidade, e elege a busca da causa como ponto de partida na construção de um conhecimento preciso. Nas suas análises, as coisas ao se produzirem expressam uma verdade que é captada pela razão humana e transformada em conhecimento.

Vê o homem como um ser, que fazendo parte da história, também a constrói. O homem desfruta de liberdade para intervir na natureza de acordo com suas necessidades. O grau de racionalidade humana se desenvolve a partir da sua consciência do que necessita. Sendo assim, o homem torna-se

responsável pelo que faz, passando a ter o domínio sobre os seus atos e as conseqüências destes.

Rompe com a noção de um Deus transcendente. "Deus é imanente e contemporâneo desde toda eternidade, ou simplesmente a Natureza - Deus ou natureza - a forma contraditória ou oposição de duas oposições de mundo que Espinosa trata de conciliar: a concepção teológica-judeu-cristã - Deus, ser infinito, eterno, perfeito; a concepção científica elaborada pela física nova - uma natureza mecânica e matematizável em que ele encontra um Galileu e Descartes" (DOMINGUES, 1991:110/111).

Sua visão sobre as Escrituras Sagradas é outro ponto significativo na construção do seu pensamento. Para ele, a Bíblia nos seus escritos traduz na verdade, os preceitos morais, políticos e ideológicos de uma época.

Procurando enaltecer a saga de um povo que através da fé, encontrou forças para lidar com um destino repleto de lutas e sofrimentos, Espinosa ressalta que a conformação com tal estado ou com esse 'vale de lágrimas' exigida pelos escritos do Livro Sagrado, tinha como função manter o homem resignado com o seu destino, acreditando que a verdadeira felicidade não se encontra no plano da vida e sim da morte. Esta aparece como concretização da chegada ao paraíso ou da possibilidade do encontro com Deus

e com os valores sagrados - de paz, amor, harmonia, compreensão, solidariedade etc.

Deste modo, o homem se conforma e se submete aos maus tratos e humilhação de uma ordem perversa - o capitalismo - que vem ganhando sua configuração desde a baixa Idade Média e passa a se expressar no século XVII com uma força maior que vem se estruturar definitivamente no século XIX.

Nogueira (1989), contextualiza de forma bastante precisa tal momento, ressaltando a relevância que os escritos espinosanos tiveram nesta época, principalmente com relação ao Tratado Teológico-Político que defendia a separação entre Estado e Igreja, política e religião, filosofia e revelação:

Publicado o Tratado Teológico-Político, em 1670, quando se travavam lutas religiosas e políticas em grande extensão, não há dúvida que no seu interior, como fundamento maior se encontravam os interesses econômicos de uma burguesia em plena ascensão. As idéias deste livro ímpio, pensado no inferno, como bradavam os pretensos donos da verdade, a sua leitura foi proibida pelos doutores do judaísmo e por diferentes seitas cristãs, ainda que entre estas se encontrassem crentes liberais. Completava a perseguição o Estado holandês dominado pelos

calvinistas, crescendo a circunstância que a organização política dominante era de feição capitalista, conforme assinalou Marx. Esta última condição fortalecida pelo poder público, de maneira franca, já indicava a condição de que o filósofo não formava ao lado da burguesia, servindo-a. Só era tolerado quem era filiado a uma seita. Não o sendo jamais, o destino de Espinosa estava definido. Faltavam-lhe todos os meios materiais para agir. Só a coragem do livre pensamento era a sua única arma (NOGUEIRA, 1989:78).

Decorrente de tais posicionamentos, de optar por uma vida independente e expressar um pensamento livre, Baruch de Espinosa sofreu duras conseqüências. Uma das primeiras represálias partiu da comunidade judaica de Amsterdam, com a sua excomunhão em 1656, então com 24 anos de idade, por ter adotado o panteísmo como forma de entender o mundo.

Mesmo assim, esse jovem que nasceu marcado pelo conflito de suas origens, continuou defendendo suas idéias, que se tornaram fontes de inspiração para outros pensadores como Hegel e Marx que vieram a dar também uma contribuição valiosa para a humanidade.

O século XVII, tendo o racionalismo como uma das

correntes filosóficas que proporcionou ao homem uma forma inovadora de pensar a realidade, exerceu uma forte influência na produção do conhecimento espinosano.

Sua exaltação ao uso da razão, como a única forma de atingir o bem e se relacionar com Deus, remete-o à tradição clássica - Sócrates, Platão, Aristóteles - , onde a prática do bem significa estar em permanente busca do conhecimento e da verdade, fundamentais para a existência da justiça entre os homens. "Para Platão, a teoria moral coincide com a busca do bem. Essa busca, por sua vez, encontra sua expressão mais nobre na produção do saber filosófico, no saber que busca a verdade e a justiça" (FREITAG, 1992:24).

Deste modo, o pensamento espinosano desenvolve uma ética onde a justiça, o bem, a virtude, o cumprimento do dever, a prática moral serão norteados por um agir racional.

Tal posicionamento é decorrente de toda uma herança da filosofia clássica, onde a preocupação dos filósofos era entender a relação entre éthos e physis, mostrando o éthos primeiramente como uma das manifestações iniciais da racionalidade do homem, quando este o designa como abrigo e em seguida o seu desdobramento que passa a representar não só o local

de socialização dos homens, mas também o locus onde estes constroem seu caráter e seus hábitos.

Segundo Ivan Domingues, "é em torno deste núcleo semântico primitivo - o éthos como morada do ser (homem) e o éthos como disposição permanente para o agir - que se desenha o projeto de uma ciência a um tempo discursiva e normativa - a ética - que volta sobre o homem (ou, antes, sobre o éthos como espaço de realização do homem), o instrumento do lógos demonstrativo, e trata, qual uma téchne, de conformar a práxis dos homens consoante a medida do bem e do melhor, elevando-os a um plano superior ao da physis, ainda que enraizado nela" (DOMINGUES, 1991:87/88).

Esta relação dialetizada, se assim podemos classificar, entre natureza e sociedade, sociedade e fazer técnico, busca aperfeiçoar a condição humana, que utilizará as forças da physis como forma de fortalecimento da alma e a póiesis como um instrumento que contribuirá no fortalecimento dos comportamentos normatizados.

No entanto, a unidade ética, tão bem construída no mundo antigo, é rompida na modernidade quando o homem passa a ser o centro de tudo. Em conseqüência, há uma separação entre ciência e moral, criando um abismo na relação entre o mundo da physis e o mundo do éthos.

Sendo assim, a ética moderna se fixa nos pilastres do dever, do fazer pragmático e do agir irracional-agir norteado pelas paixões -, nos remetendo a um mundo dominado pela técnica, pela ciência positiva e pela industrialização.

Na interpretação weberiana, discutida por Freitag (1992), "a ciência é uma força secularizada que atua em um mundo desencantado, marcado pela perda de significado e liberdade. A contribuição da ciência para a organização prática da vida reduz-se a fornecer o conhecimento sobre as técnicas de previsão, cálculo e dominação da vida; transmitir os métodos de raciocínio, bem como os instrumentos e o treinamento necessário para o seu manuseio; possibilitar clareza sobre a vida. Essa ciência não pode responder a questões relativas ao sentido da vida, à natureza do homem ou ao seu destino individual e coletivo. No entanto, pode conscientizá-lo de que todas as suas ações implicam uma tomada de partido a favor de certos (e contra outros) valores" (FREITAG, 1992:98)

Espinosa busca retomar essa relação perdida entre physis e éthos, razão prática e razão teórica, procurando recuperar a noção de ética, denominando-a como ética do ser, trazendo a ordem do dia, os conceitos de bem e de virtude. Segundo ele, a virtude da alma está no conhecimento, conhecimento este que rompe com as intempéries da

imaginação e elege a razão como princípio de toda liberdade.

O homem livre é aquele que conhece as leis da natureza e sabe dominar suas paixões. A paixão só conserva o desejo quando age guiada pelo intelecto. E o homem só é livre quando deseja o que lhe é possível, realizável.

Então, o que difere a ética espinosana da ética clássica? Segundo Domingues “o autor da *Ética* com certeza fala das analogias *physis-éthos* e *éthos-téchne*, todavia, a resposta encontrada para a questão socrática - que é o homem? que é o bem? - não é a mesma do fundador da academia. A ética espinosana é determinista: o *éthos* é um desdobramento mecânico da *physis*, e, sem a ação constritiva do bem que de fora regula sua ação e lhe dá o métron do seu agir, o homem espinosano está mecanicamente determinado desde seu interior a agir de conformidade com o bem que lhe é imanente”(DOMINGUES, 1992:94).

Espinosa trabalhou durante quinze anos na sua obra maior a *Ética More Geométrica Demonstrada*, utilizando como fio condutor o conhecimento racional e o método geométrico. Tal esforço resultou numa metafísica do homem onde o discurso se constrói a partir da essência da coisa e a sua veracidade decorre dos conceitos que se movimentam na sua diversidade no interior do próprio discurso.

Sendo assim, seu método se apodera de uma metafísica de redução das essências, tendo como ponto último de ancoragem, a substância e a dedução sistemática, onde “a verdade ontológica da coisa corresponde à verdade lógica da idéia disposta na cadeia de razão” (Idem:96)

É na geometria que o filósofo se apóia na construção de um verdadeiro conhecimento. E ressalta a capacidade que o homem tem de chegar ao saber absoluto, pois a compreensão é imanente ao homem e a Deus, já que o primeiro é a extensão do segundo.

A essência do pensamento, a natureza da alma e o estatuto da idéia ganha uma nova dimensão no pensamento espinosano. A certeza torna-se o atributo maior do cogito e necessária para se chegar à verdade. “Na espontaneidade de seu funcionamento, o elemento do espírito não é a dúvida ou o erro, mas a verdade, e sendo o que é, uma potência produtora da verdade, ele vai de verdade em verdade, se sabe em cada instante como verdade e encontra no interior de si mesmo o índice da verdade ou sua medida”(Id.Ibid:99).

Com relação à natureza da alma, o pensador diz que a alma é a idéia do corpo, é uma forma de pensamento. O corpo é uma extensão da *physis* e a alma é a consequência desta extensão, é a expressão inteligente do corpo.

Corpo e alma são aspectos individualizados, no entanto, a relação entre eles é de total correspondência. A alma depende do corpo, já que ela só é possível através dele. Alma e corpo se fundem em uma mesma dimensão. Sendo assim, a estrutura humana é uma organização complexa, mas interrelacionada em suas partes que apresentam um funcionamento inteligível.

Sobre o estatuto da idéia, Espinosa ressalta que as idéias não são representações, mas conceitos elaborados pelo pensamento. As mudanças ocorridas no interior do corpo e a conexão interna das idéias na alma constituem a essência do homem. Essa essência é o desejo, que desenvolve no homem o espírito de sobrevivência, estimulando-o para enfrentar os desafios e lhe dando possibilidades de, através do conhecimento, atingir seus objetivos.

No prosseguimento dos seus estudos, este filósofo da pura interioridade ou um místico bêbado de Deus como o classifica Desandi, apontou a existência de três modos de conhecimento: o imaginativo, o da razão e o da ciência intuitiva.

E em qual destes se fundamenta a Ética espinosana? “No conhecimento do terceiro gênero, ou seja, na Scientia Intuitiva, fazendo dela uma parte integrante da metafísica, um pouco como em Platão a ciência do éthos é um capítulo da metafísica do bem? Sem

dúvida, e tal foi a grande audácia de Espinosa, a Ethica More Geométrico Demonstrata se aloja toda ela do lado do conhecimento do terceiro gênero, inscrevendo-se no registro destas ‘filosofias da eternidade’ que, de Platão a Hegel, vão engajar a ciência do éthos na via do conhecimento racional, e exigir uma ‘conversão ao absoluto’, um ponto de vista do absoluto no qual a verdade da coisa como que brota diretamente da própria coisa, sem a intervenção do homem e sem nenhum apelo a um arquétipo externo, qualquer que seja ele - eis diante de nossos olhos o conhecimento sub specie *aeternitatis* no qual Espinosa aloja a Ética, um saber absoluto que é, como diz Hegel, o saber do absoluto e que se sabe como tal” (DOMINGUES,1992:100/101).

Deste modo, o conhecimento em Espinosa se faz possível por meio da intuição e dedução, tendo a primeira, Deus como objeto fundante. Assim a intuição passa a ter um valor ontológico. O homem através da intuição compreende o todo e a dedução é o processo sistemático resultante de uma compreensão inteligível.

Espinosa, com a intenção de elevar os princípios de pensamento ao estatuto de realidade, utiliza um racionalismo absoluto no entendimento de Deus, da ordem dos fenômenos e do éthos enquanto morada dos homens.

A partir desta discussão, o pensador vê na idéia, que se expressa através do conceito, o nexó entre o pensamento e a realidade. E é através dela que se pode atingir um grau de verdade, tanto da metafísica como da matemática, sendo assim, a idéia funciona como coisa.

“Ao invés de encerrar o conhecimento na subjetividade, buscando seus fundamentos numa metafísica existencial do homem finito, abandonado a si mesmo e marcado no mais recôndito do seu ser pelas vicissitudes do espaço e do tempo, Espinosa funda o conhecimento em Deus, desprende o éthos da ordem do espaço e do tempo, e nos inscreve por inteiro na via que nos eleva ao absoluto e ao sempiterno, que é a via destas ‘filosofias da eternidade’ que, desde Platão, se constituíram como uma das matrizes do pensamento ético no ocidente” (Id.Ibid:105).

Sendo assim, qual o objetivo deste autor com a construção de seu tratado Ético? Primeiramente reduzir o éthos a physis no intuito de demonstrar a relação dialética que existe entre esses dois mundos - o da natureza e o dos homens, já que o éthos é uma extensão inteligente do mundo da physis. Segundo, buscar por meio de sua Ética a reconciliação do homem com Deus, sendo o primeiro guiado pela razão, pois só através dela e agido por ela que as afecções podem ser controladas.

O conhecimento e a razão assumem uma dimensão significativa para o comportamento do homem, já que estas são as únicas formas de combater as incertezas e controlar as insatisfações humanas que são inesgotáveis, estimuladas pelo desejo imanente ao homem de sempre querer mais. Através do conhecimento e do uso da razão, o homem torna-se senhor absoluto de si, porque se autogoverna e isto o torna moralmente bom.

Desta forma, podemos resumir a Ética espinosana ressaltando os seguintes princípios: se fundamenta em definições categóricas e essenciais; precisa um quadro sistemático de deduções e constrói um saber demonstrativo racional e um saber normativo que orienta os homens a buscar uma vida regrada, utilitária, policiando permanentemente suas paixões com o uso da razão.

“Com efeito, ao cabo de tão grandes sacrifícios - mundo da vida, história, indivíduo, podemos reconhecer-nos no mundo espinosano? Alguém poderá dizer, talvez. Mas, tudo bem considerado, que importam em realidade o indivíduo, o efêmero, o tempo - este senhor absoluto sobre a vida e sobre a morte - se temos diante de nós o espetáculo da eternidade que nos mostra a incorruptibilidade da substância e a perenidade do Absoluto” (Ibidem:124).

Espinosa assim compreendia o mundo, dizendo que a felicidade

está vinculada ao objeto do desejo e do amor humano, que a verdade é inseparável do conhecimento humano, que tudo pode ser compreendido porque estamos e somos em Deus e que Deus é a causa eficiente e não causa final da realidade.

E com relação à questão inicial deste ensaio, de como devemos agir no mundo? Espinosa responderia: age com racionalidade, deixando a razão dirigir os teus desejos. Isto significa que o homem moderno deve entender e respeitar os princípios de civilidade criados pela sociedade. E ainda diria mais, procura viver com alegria e viver plenamente esta dádiva que é a vida, já que Deus é natureza e vida e o homem é a extensão significativa disto tudo.

Como vimos, Espinosa inova o pensamento moderno, quando nos coloca como sujeitos com potencialidades naturais (porque somos natureza, assim somos Deus já que Deus é natureza) que devem ser trabalhadas pela razão que vamos construindo com a nossa experiência e a partir daí, nos tornamos homens sociáveis e civilizáveis.

Infelizmente, se este filósofo holandês estivesse vivendo em nossa época, talvez suas crenças com relação a tais aspectos - socialização, civilidade, alegria, liberdade - ficassem abaladas.

No entanto, o importante foi conhecer um pouco das idéias deste pensador, enigmático (no sentido de ser intenso), porém estimulante, pois através da leitura dos seus escritos vamos nos alimentando de alguma esperança.

Daí, concluímos nosso trabalho, citando Alcântara Nogueira que reforça de forma apropriada a compreensão que tivemos dele,

Espinosa, em nenhum momento, modificou seu amor pelo conhecimento e pela vida. Por amar esta é que o homem é livre. Pensar na vida e nunca na morte.(...) amar a vida em todo seu poder criador é afirmar o próprio homem em toda sua grandeza. É dizer sim ao progresso humano e social, à liberdade e à igualdade de todos como seres que, diversos nas suas atitudes e na capacidade mental, se identificam, porém, na semelhança da potencialidade para exercer os ideais superiores de vida (NOGUEIRA,1989:79/80).

Referências Bibliográficas

A. A, F.J. Thonnard. **Compêndio de História da Filosofia**. São Paulo: Editora Hese, 1968.

CARVALHO, Horácio Martins. **Introdução à teoria do planejamento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

DOMINGUES, Ivan. **O grau zero do conhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

ESPINOSA. **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1997.

FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

NOGUEIRA, Alcântara. **Poder e humanismo**. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 1989.